

Eventos em São Paulo fazem homenagem aos 300 anos da morte do herói negro dos Palmares.

2

Escolas de São Paulo arrecadam pelo menos dez toneladas de alimentos para a campanha de Betinho.

3

Chega às livrarias, em português, o primeiro livro com a série "Arquivo X", da Record e Fox.

4

Conheça Cast, a nova banda inglesa que tem tudo para desbancar as bandas Blur e Oasis.

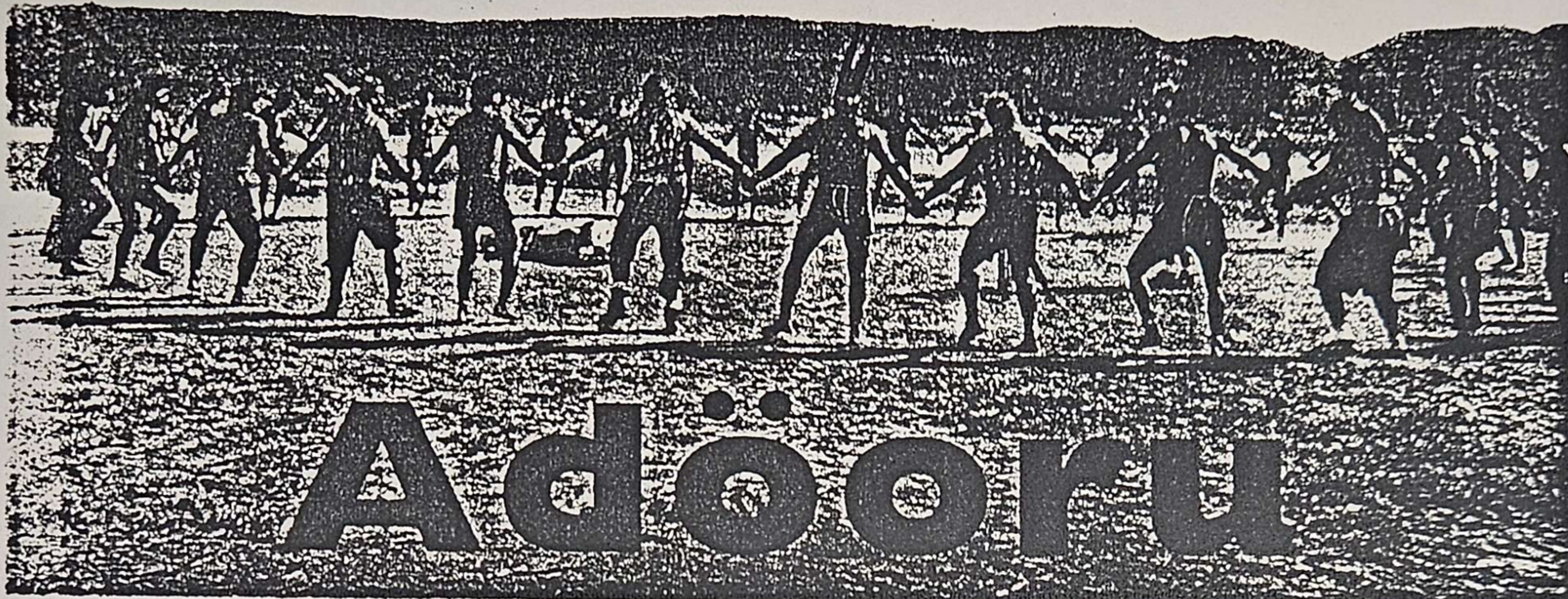
5

6

SÃO PAULO

folhateen

Segunda-Feira, 13 de novembro de 1995 |



Os integrantes do Sepultura dançam acompanhados pelos xavantes da aldeia Pimentel Barbosa, na reserva indígena de Rio das Mortes, com pintura de camuflagem, feita com carvão

CELIA ALMUDENA
Da Reportagem Local

sacode a tribo

Sepultura (Adöörü em xavante) grava música e clipe em aldeia indígena

Eles são cabeludos e têm desenhos pelo corpo. A música deles é tão pesada e forte que o chão treme. As semelhanças param aí, mas a parceria entre eles vai longe.

Eles são os índios xavantes da aldeia Pimentel Barbosa do Mato Grosso e o grupo brasileiro Sepultura, ou Adöörü (pronuncia-se adö-ö-ru), em xavante. O encontro entre eles aconteceu na semana passada e a sintonia foi total.

O objetivo do encontro era gravar uma faixa do novo disco do Sepultura, "Roots" (raízes) a ser lançado no próximo ano e também um vídeo, filme com os índios.

Ainda estou em choque. Esse lance de gravar com a tribo é uma ideia antiga minha. Era um sonho

que eu tinha e nunca achei que poderia ser realizado, achava que era impossível", conta Max Cavalera, 26, vocalista do Sepultura.

Para a jornalista Ângela Pappiani, 40, do Núcleo de Cultura Indígena — que acompanhou a "expedição" —, houve um casamento perfeito. "Está preservada totalmente a música xavante e a do Sepultura", diz ela.

Isso porque aconteceu uma verdadeira "jam session" (apresentação improvisada) entre índios e banda. "Levamos alguns acordes planejados no violão. Mas pediram para os xavantes nos mostrarem suas músicas. A primeira foi a escolhida. Encaixou perfeitamente", diz Igor Cavalera, 25, baterista.

A música apresentada pelos índios era "Wanãribê", que está no

CD "Etenhiritipé - Cantos da Tradição Xavante", lançado no ano passado. É uma das músicas cantadas pelos padrinhos durante os rituais de passagem da adolescência para a vida adulta.

A música fala sobre a cura de pessoas do mundo. Um assunto muito legal, que encaixa totalmente com o que o Sepultura sempre aborda. Fizemos um arranjo em ci-

ma da música deles. Isso nunca foi feito por nenhuma outra banda. A música vai ganhar um nome novo", explica Max.

Segundo ele, a música é muito diferente do resto do disco e vai ser difícil ser apresentada ao vivo, sem os índios. "Vai ser a música mais espiritual, mais raízes do disco. Ela mostra as raízes da música dos índios e as nossas, porque é uma per-

cussão pesada. É meio um hino de guerra, mas pacífico. Mostra que dá para ter um som sem distorção e gritaria e ser tão forte e pesado quanto", diz Max.

A gravação ficou demais. É muito forte o que eles tocam ali. O chão treme na hora que eles batem o pé. Eles cantando e batendo o pé e a gente no meio do círculo. A batida do pé deles é pesada, então foi super fácil encaixar minha batida. Fiquei à vontade para quebrar tudo", conta Igor.

"Com certeza, essa faixa do disco vai ser o hit da aldeia, o grande sucesso", acredita Ângela.

Tomara que faça sucesso no mundo todo, já que o Sepultura abriu mão dos direitos autorais da música em favor da tribo. "E para ajudar nos projetos que eles têm, que são muitos", diz Max.

'Nunca vou esquecer essa experiência'

IGOR CAVALERA
Especial para a Folha

É muito difícil traduzir em palavras o que aconteceu durante a gravação de uma música e um clipe na aldeia dos xavantes.

Foi um lance genial, mágico. Os índios nos deixaram viver como eles por dois dias, como se fizessemos parte da tribo. Senti-me como criança, não acreditava no que estava acontecendo.

Na primeira noite que chegamos foi muito lindo. Eles cantaram para a gente — eles cantam muito forte, o chão até treme.

Imagine só: você ali no meio do nada, sem nenhuma luz, só a lua cheia iluminando tudo e nós no meio do círculo deles.

Foi uma coisa de outro mundo. Depois, eles nos chamaram para participar. Nunca vou esquecer, bateu muito show do Sepultura.

Quando as gravações acabaram, os índios pediram para gente tocar. Não levamos equipamento, só dois violões e percussão.

Tocamos a música "Kaiowas", do nosso último disco. Antes, ex-

pliquei o que era o som. Eles assistiram com muita atenção.

Acabamos de tocar e eles começaram a gritar "duré, duré". Perguntamos: "O que está rolando?". Explicaram que queriam bis.

Tocamos mais e virou uma "jam session". O Max dava uns berros e eles ficaram animadíssimos.

Uns três salam-correndo de modo, o resto ficava. Outra hora peguei alguns índios imitando o Max, gritando feito uns loucos.

Uma outra hora, eu estava em frente a uma maloca e, com o pouco português deles, me chamaram para entrar, mandaram eu sentar no chão e começaram a enrolar meu cabelo com cordões e penas. Meu cabelo ficou todo para cima, muito legal.

O lance da pintura do corpo é um ritual interessante. Eles mascam o coco e passam saliva junto com a tinta de urucum em você.

Cada índio chega



Igor se prepara para ritual indígena

'Como nós, roqueiros são discriminados'

PAULO CIPASSÉ XAVANTE
Especial para a Folha

Foi uma experiência muito nova e muito positiva para o povo xavante da aldeia de Pimentel Barbosa receber aqui o pessoal da banda Sepultura — o Igor, o Max, o Andreas e o Paulinho — para um trabalho musical conjunto de gravação para o próximo disco da banda que tem o nome significativo de "Roots" (raízes).

Quando nós fomos consultados pelo pessoal da gravadora e do Núcleo de Cultura Indígena sobre essa possibilidade de gravação, nós todos ficamos muito felizes com a oportunidade de dar prosseguimento a nosso trabalho musical.

Porque o que fazemos com música e com outros produtos culturais é uma maneira de expressar nossa vontade de contato com o mundo, de tocar o coração das pessoas e ampliar nossos aliados.

Faz parte de nosso caminho, dentro da tradição, escolher nosso próprio destino.

A aldeia não conhecia o Sepultura. Todo mundo ficou muito cu-

rioso, queriam saber o que era um roqueiro. Nós tínhamos visto fotos e sabíamos que eles eram "diferentes", com cabelos compridos e com pinturas no corpo e que eles também, como nós — os índios —, sofrem preconceito e discriminação.

Mas quando eles chegaram foram logo se integrando, se pintando como nós, cantando e dançando debaixo do sol quente... Foi uma perfeita integração.

Depois da gravação, eles tocaram uma música que fizeram em homenagem aos nossos parentes Kaiwá, do Mato Grosso do Sul, e foi muito bonito, muito forte mesmo.

O pessoal da aldeia aplaudiu muito e pediu "mais um". Dou para sentir que eles fizeram a música com o coração. É o trabalho de gravação também foi assim, forte, com o coração.

A música que escolhemos para gravar é de uma cerimô-



O vocalista Max recebe tinta de urucum

INDIFOLHA

IANOMÂNIS SÃO EM MAIOR NÚMERO

(População estimada de nações indígenas) 10 mil

8 mil

